

## **CYBERBULLYING: UM NOVO RISCO ADVINDO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS**

**Simone Maidel**<sup>18</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil

### **Resumo**

O *cyberbullying* é um tema relativamente novo na literatura e envolve o uso das tecnologias digitais por crianças e adolescentes com o intuito de promover constrangimento moral ou psicológico, sobretudo entre pares. O presente artigo tem por objetivo caracterizar o comportamento *cyberbullying*, alertar sobre os riscos de tal prática no desenvolvimento e saúde física, social e psicológica de crianças e adolescentes, bem como conscientizar sobre a possível dimensão e alcance dessa prática, que ainda requer muita atenção de estudiosos e pesquisadores do mundo todo.

**Palavras-chave:** *cyberbullying*, crianças, tecnologias digitais, *internet*

## **CYBERBULLYING: UN NUEVO RIESGO QUE PROVIENE DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES**

### **Resumen**

El *cyberbullying* es un tema relativamente nuevo en la literatura y envuelve la utilización de las tecnologías digitales por parte de los niños y adolescentes para promover la vergüenza moral o psicológico, especialmente entre los pares. El actual artículo tiene como objetivo caracterizar el comportamiento *cyberbullying*, advertir sobre los riesgos de esta práctica en el desarrollo y la salud física, social y psicológica de los niños y adolescentes, así como la concienciación sobre la dimensión y posible alcance de esta práctica, que aún necesita de mucha atención estudiosos y investigadores del mundo todo.

**Palabras clave:** *cyberbullying*, niños, tecnología digital, *internet*

---

<sup>18</sup> Psicóloga, especialista em psicologia clínica, mestre em neurociências e doutoranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [simonemaidel@uol.com.br](mailto:simonemaidel@uol.com.br)

## CYBERBULLYING: A NEW RISK THAT COMES FROM DIGITAL TECHNOLOGIES

### Abstract

Cyberbullying is a relatively new theme in the literature and involves the use of digital technologies by children and adolescents to moral or psychological's harassment, especially among peers. This article aims to characterize the behavior cyberbullying, warn about the risks of such practice in the development and physical health, social and psychological care of children and adolescents, as well as awareness on the possible size and scope of this practice, which still requires a lot of attention scholars and researchers worldwide.

**Key-words:** cyberbullying, children, digital technologies, internet

### Introdução

O termo *bullying* origina-se da palavra inglesa *bully*, que como adjetivo significa “valentão” e como verbo (*to bully*), significa “brutalizar”, “tiranizar” e de modo mais amplo, maltratar, tratar abusivamente, afetar pela força ou coerção, usar linguagem ou comportamento amedrontador, intimidar (Fante, 2005). Especula-se que o termo tenha surgido na Grã-Bretanha, por volta de 1710, para designar uma forma de crueldade que se dava na relação entre crianças e adolescentes (Oxford Dictionary of English, 2006). Na França o termo usado para designar este fenômeno é *harcèlement quotidien*, na Itália é chamado de *prepotenza* ou mesmo de *bullismo*, no Japão de *ijime*, na Alemanha de *agressionen unter schülern*, na Noruega de *mobbing* e em Portugal, de *maus-tratos entre os pares* (Nogueira, 2005) – evidenciando, assim, o caráter universal do *bullying*. Por definição, o termo compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser em função da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional ou ainda, do maior apoio dos demais estudantes (Almeida, 2008; Antunes & Zuin, 2008; Lopes Neto, 2006; Neto & Saavedra, 2004). Na percepção de Oliveira e Votre (2006), “é a mais primária forma de violência,

que pode manifestar-se por palavras, gestos e ações, e tem na linguagem gestual e verbal sua concretização mais comum, pois geralmente começa pela chacota e humilhação verbal, podendo ou não vir acompanhada de ações que discriminam e atemorizam” (p.174). Evidências sugerem que tais comportamentos estão comumente voltados para grupos com características físicas, sócio-econômicas, de etnia e orientação sexual, específicas (Smith, 2002), mas por se fazer presente em situações aparentemente corriqueiras do ambiente escolar (como por exemplo, colocar apelidos, zoar, gozar, sacanear, humilhar, ofender, ignorar, amedrontar, empurrar, roubar ou quebrar pertences, etc.) nem sempre o fenômeno do *bullying* é percebido ou mesmo combatido. Na opinião de Nogueira (2005), em função das fronteiras da violência se tornarem maleáveis, frágeis e difíceis de serem definidas é que muitas vezes a mesma se confunde, se interpenetra, se inter-relaciona com agressão e indisciplina na esfera escolar, e os casos de violência entre pares acabam naturalizados. Conforme a autora, “(...) a grande maioria dos profissionais da Educação não sabe tratar e distinguir os alunos agressivos dos indisciplinados e violentos, arriscando pseudo-diagnósticos” (p.93) e isso, em si, já contribui para a dissimulação do próprio fenômeno, dificultando sua delimitação e estudo.

Contemporaneamente convive-se com um agravante a mais, que poderia até ser considerado uma evolução na manifestação do próprio *bullying*, o chamado *Cyberbullying*. Este comportamento envolve o uso da informação e das tecnologias digitais atuais, como *e-mails*, mensagens para celulares, mensagens de texto instantâneas (MSN, ICQ, etc), web sites pessoais, comunidades virtuais, sites de relacionamento, dentre outros, como meio de apoio deliberado para a propagação de comportamento hostil com o objetivo repetido de injuriar, caluniar e prejudicar alguém (Belsey, 2009). Considerando a utilização massiva das tecnologias digitais por crianças e adolescentes uma realidade atual e crescente, pois dela fazem uso habitual para comunicarem-se, para estudar e para se divertir, parece legítimo destacar a importância e necessidade de discussão para o assunto, especialmente ao que se refere ao tipo de uso e tipo de atividades ao qual se engajam crianças e adolescentes quando navegam na internet, sobretudo em função dos riscos e abusos que esta tecnologia admite.

### **Contextualização e riscos**

Embora muitos pais e educadores já reconheçam o problema do *bullying* escolar, poucos estão atentos ao fato que crianças e adolescentes podem estar sendo atormentadas através dos meios de comunicação eletrônicos (Beran & Li, 2005). E mesmo reconhecendo a existência, muitos dos comportamentos agressivos observados entre pares são tradicionalmente admitidos como naturais e integrantes do próprio curso de desenvolvimento, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados adequadamente, o que

por sua vez favorece a sensação de impunidade pelo ato praticado e a perpetuação do comportamento agressivo (Almeida, 2008; Johns, 2008; Lopes Neto, 2005). Com o *cyberbullying* não é diferente. Ademais, levando-se em conta que práticas dessa natureza geralmente ocorrem fora do alcance da supervisão dos adultos, bem como que grande parte das vítimas não reage nem comenta a agressão sofrida (Fekkes, Pijpers, & Verloove-Vanhorick, 2005), pode-se entender por que professores e pais ainda subestimam a ocorrência do (*cyber*)*bullying* e ainda atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações (Bauer et al., 2006; Pingoello, 2009).

Diferentemente do *bullying*, essa modalidade cibernética de violência parece não se caracterizar por uma relação desigual de poder, ou seja, no *cyberbullying* parece que diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, e mesmo o maior apoio dos demais estudantes não são determinantes para a sua prática (Ybarra & Mitchell, 2004). Dessa forma, até mesmo uma criança ou adolescente que em público não se envolveria com o *bullying* pode vir a praticar o *cyberbullying*, tornando a situação da vítima ainda mais angustiante por ignorar quem, ou quantos, estão por trás dos ataques (Zimmerle, 2003). Em acréscimo, o anonimato possível e permitido através dos meios digitais parece encorajar um comportamento ainda mais agressivo e ofensivo por parte dos autores do *cyberbullying*, possivelmente por percebem como reduzida a chance de serem detectados e punidos (Johns, 2008). Outra característica marcante desse tipo de violência, em função de seus recursos, é que ela extrapola limites de tempo e local, invadindo e se fazendo presente em espaços anteriormente considerados protegidos e seguros para as crianças e adolescentes, o que amplia, e muito, o alcance e potenciais malefícios dessas agressões sobre as vítimas.

Nesse sentido, ressalta-se que apesar de serem praticados através de meios virtuais, as conseqüências e impactos do *cyberbullying* sobre a vida de crianças e adolescentes são tão reais e devastadoras quanto as do *bullying*, inclusive acarretando riscos de suicídio e automutilação por parte de vítimas mais vulneráveis (Totura et al., 2009). De acordo com a *Childnet International*<sup>19</sup> (2007) e o Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar (CEMEOBES, 2009), dentre as conseqüências mais comuns às vítimas encontram-se os prejuízos na socialização e baixa auto estima, pois a vítimas tendem a se isolar como forma de se proteger de novos ataques; prejuízos à aprendizagem, pois há uma queda na atenção da criança e quando sabido que o *cyberbullying* origina-se na escola, a vítima tende a faltar às aulas. Menciona-se também impacto sobre a saúde física e emocional da vítima, que se manifestam por diversos sintomas, como por exemplo: ansiedade, tristeza (podendo chegar à depressão e levar à pensamentos suicidas), estresse, medo, apatia, angústia, raiva reprimida, dores de cabeça e estômago, distúrbios do sono,

---

<sup>19</sup> Entidade sem fins lucrativos criada em 1995 com o objetivo de fazer da Internet um lugar seguro e maravilhoso para as crianças, garantir e promover os seus interesses. Atua em 4 áreas chave: acesso; consciencialização; proteção e política. Para maiores detalhes: <http://www.childnet-int.org/>

perda do apetite, isolamento, dentre outros; bem como que muitas dessas conseqüências persistem ao longo da vida da vítima, mesmo cessados os ataques (Antunes & Zuin, 2008; Bauer et al., 2006; Pingoello, 2009; Totura et al., 2009). Contudo, os agressores necessitam tanto de ajuda quanto suas vítimas, pois o comportamento agressivo é apontado como resposta à falta de alicerce para a formação de sua autoconfiança, autoestima, auto-conceito e internalização de limites (Pingoello, 2009).

Diferente das agressões pessoais que são localizadas e com tempo podem ter sua lembrança apagada ou diminuída, o *cyberbullying* além de envolver a ampla disseminação de calúnias, injúrias ou informações degradantes à exposição pública através das tecnologias digitais (via blogs, sites de votação, comunidades virtuais e outros recursos da internet, por exemplo), também implicam em uma gigantesca dificuldade, quiçá impossibilidade, de tirá-las novamente de circulação, o que acaba conferindo um certo aspecto perene a referidas agressões. Ou seja, qualquer criança ou adolescente vítima desses cruéis ataques ainda que mude de escola, bairro ou cidade, pode continuar alvo desse tipo de violência por um longo tempo, isso sem falar das agressões e difamações que já ficaram registradas e permanecem disponíveis a todo um universo *online*, podendo vir a desencadear ou motivar embaraços e humilhações (talvez até novos ataques) na rede social recém ingressada e, mesmo, angústia e constrangimento ao longo de sua vida.

Quando se vislumbra certa noção da profundidade e alcance que o *cyberbullying* pode ter sobre o desenvolvimento e saúde física, social e psicológica de crianças e adolescentes, quer vítimas ou autores de referido comportamento, percebe-se a importância de discutir e popularizar esse assunto entre todo o tipo de profissionais que lidam com essa faixa etária, auxiliando na detecção do problema e na adoção de medidas mais assertivas para tentar prevenir ou cessar tal comportamento. Pingoello (2009) comenta que quando se fala em conter a violência escolar, “as primeiras atitudes a serem tomadas são as relacionadas com a contenção do comportamento agressivo por meio de sermões, advertências e castigos” (p.111), mas adverte que desse modo não se combate a causa do problema, podendo oportunizar que o mesmo fenômeno venha a se manifestar de forma mais forte e assustadora futuramente. Acaso não seria essa uma das possíveis conseqüências da sociedade ter se mantido tão lenta e inerte com relação ao reconhecimento e combate do próprio *bullying*?

### **Considerações finais**

Para evitar que o uso das tecnologias digitais exponha crianças e adolescentes a riscos como o *cyberbullying*, aos pais e educadores cabe a tarefa de conscientizá-los quanto as conseqüências de todos seus atos, reais ou virtuais, bem como oportunizar situações e espaço para discussão sobre o tema, fornecendo apoio e estando atentos a qualquer tipo de

conduta que indique a prática ou a vitimização pelo *cyberbullying*, mas sobretudo acompanhando e conhecendo as atividades dessas crianças e adolescentes frente ao mundo digital para que possam orientá-los quanto ao uso responsável e correto dessas tecnologias. Enquanto fenômeno contemporâneo, o *cyberbullying* ainda requer muita atenção de estudiosos e pesquisadores do mundo todo, principalmente porque seu estudo é relativamente recente na literatura e ainda carece de uma visão integradora para que possa ser compreendido em sua totalidade e ações preventivas (ou remediativas, se é que é possível) possam ser adotadas. Dada as implicações e alcance dessa modalidade de violência, também se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade, para oportunizar a mudança de aspectos culturais intimamente relacionados a aceitação e respeito que se deve ter com relação a todo e qualquer tipo de diversidade humana – pois o melhor meio de evitar comportamentos como o *cyberbullying* é estimular a conscientização e o respeito incondicional às diferenças desde a tenra idade.

## Referências

- Almeida, A. (2008). *O que sabemos da violência na escola e como podemos intervir*. In: Fundação Prodiginate (ed.) Seminário nacional contra a violência. Lisboa: Contexto.
- Antunes, D. C. & Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicol. Soc.*, (20) 1, 33-41.
- Bauer, N. S.; Herrenkohl, T. I.; Lozano, P.; Rivara, F.P.; Hill, K.J. (2006). Childhood Bullying Involvement and Exposure to Intimate Partner Violence. *Pediatrics* 118; p.235-242.
- Belsey, B. Are you aware of, or are supporting someone who is the victim of cyberbullying? In What can be done about cyberbullying? Disponível em: <http://www.cyberbullying.ca/info.html> (acesso em 17/04/2009).
- Beran, T., & Li, Q. (2005). Cyber-harassment: a new method for an old behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 32(3), 265–277.
- Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o Bullying Escolar (CEMEOBES). Disponível em <http://www.bullying.pro.br/> (acesso em 23/04/2009).
- Childnet International (2007) ‘Cyberbullying, A whole-school community issue. DCSF Publications, UK. Disponível em: [http://www.safesocialnetworking.com/img/safety/Cyberbullying\\_1.pdf](http://www.safesocialnetworking.com/img/safety/Cyberbullying_1.pdf) (acesso 01/05/09)
- Cruzeiro, A. L. S.; Silva, R. A.; Horta, B. L.; Souza, L. D. M.; Faria, A. D.; Pinheiro, R. T.; Silveira, I. O.; Ferreira, C. D. (2008). Prevalência e fatores associados ao transtorno da

- conduta entre adolescentes: um estudo de base populacional. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(9), 2013-2020.
- Fante, C. (2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz*. 2. ed. Campinas: Verus.
- Fekkes, M.; Pijpers, F. I. M. & Verloove-Vanhorick, S. P. (2005). Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health Education Research* (20) 1, 81–91.
- Johns, H.D. (2008). Cyberbullying, a very brief summary. Alberta Association for Media Awareness, Canadá. Disponível em: <http://www.aama.ca/docs/cyberbullying.pdf> (acesso em 30/04/09)
- Lopes Neto, A.A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro. (5) 81, 164 -172.
- Neto A.A.L, Saavedra L.H.(2004). *Diga NÃO para o Bullying*. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Nogueira, R.M.C.P.A.(2005). A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. *Revista Iberoamericana de Educación* - n.37 p.93-102.– Disponível em: <http://www.rioei.org/rie37a04.htm> (acesso em 25/04/09)
- Oliveira, F.F. & Votre, S.J. (2006). *Bullying nas aulas de educação física*. Movimento, Porto Alegre, (12) 2, 173-197.
- Oxford Dictionary Of English (2006). Soanes, C. & Stevenson, A. (Eds.) Oxford University Press, UK.
- Pingoello, I. (2009). Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do bullying em sala de aula Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- Smith, P. K. (2002). Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In E. Debarbieux & C. Blaya (Eds.), *Violência nas escolas e políticas públicas* (pp. 187-205). Brasília, DF: UNESCO.
- Totura, C.M.W.; Greena, A.E.; Karvera, M. S.; Gestena, E. L.(2009). Multiple informants in the assessment of psychological, behavioral, and academic correlates of bullying and victimization in middle school. *Journal of Adolescence* (32) 2,193-211.
- Ybarra, M.L., & Mitchell, K.J. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, Internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence*, 27 (3), 319-336.
- Zimmerle, M. (2003). Cyber bullying. *Service-Learning Update*, 3 (2). Disponível em: [http://www.imakenews.com/psla/e\\_article000127654.cfm](http://www.imakenews.com/psla/e_article000127654.cfm) (acesso 21/04/09).